

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Ponto cego: um olhar sobre a pesquisa em dança a partir de um ponto

Rita Silva Bruço [1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Orientadora – Profa. Ma. Kátia Salib Deffaci [2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este texto visa reunir algumas considerações acerca da metodologia utilizada na elaboração do projeto de pesquisa em dança *PONTO CEGO: dramaturgia em dança-teatro dos afetos significantes na poética do "entre",* apresentado no componente curricular de Pesquisa em Dança do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul em julho do corrente ano. O objetivo do trabalho foi estruturar o projeto, o que foi possível, por meio da bricolagem que reuniu cartografia e coreografia num método que evidenciou o processo para a sua elaboração.

Palavras-chave: Metodologia de pesquisa em dança; Cartografia dos afetos; Dança-teatro.

"[...] quando eu fico cego é aí que a obra se faz. O processo de criação é este enfrentamento desencontrado entre caos e ordem, entre desequilíbrio e equilíbrio."

Sandra Rey (2012, p. 88)

O rastro de cientificismo positivista – definição da ordem do objetivo – percebido no meio acadêmico, faz com que a arte se interrogue sobre metodologias de pesquisa que evidenciem a essência subjetiva desta área de conhecimento. Ou, porque somos processados pela obra, que inicia *em nós* antes mesmo de começar; ou porque, a partir disso, atribuímos significados aos nossos processos tornando-os visíveis e compreensíveis após termos experimentado a intermitência de seu fluxo, ou... etc. Cortar, fragmentar, determinar... estabelecendo "os dados da pesquisa", parece uma tarefa inglória – e, ousaria dizer, inútil – quando se objetiva pesquisar em arte[3]. Pensar num método de pesquisa que dê conta de dialogar com as exigências da academia e que possa, como afirma Marilia Velardi (2018, p. 52), "[...] criar caminhos particulares que nos permitam percursos e encontros locais,

[1] Graduanda do Curso de Dança: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.
[2] Professora Assistente na Graduação em Dança: Licenciatura/UERGS; Doutoranda em Educação-Laborarte/UNICAMP; Mestra em Artes Cênicas/UFGRS; Bacharel e Licenciada em Dança/UNICAMP.
[3] Pesquisa em arte são as pesquisas relacionadas à criação artística, empreendidas por um artista, que se desenvolvem visando como resultante final a produção de uma obra de arte, conforme define Silvio Zamboni (2006, p. 7).

experiências construídas por pessoas que a presentificam, sob epistemologias criadas ali, com base naquilo que se é", seria mais do que identificar um método, seria reconhecê-lo enquanto potência em si.

O processo do projeto PONTO CEGO [...] teve a duração de três meses, com cerca de doze encontros entre conversas e práticas diversas, com a participação de dois bailarinos intérpretes criadores, uma vez que me coloquei na condução como dramaturgista que tecia a rede das relações de sentido que nos atravessaram. Na última etapa, em junho/2018, houveram quatro encontros com outros dez bailarinos, cujo resultado em improvisação estruturada[4], foi encenado na Mostra de Dança UERGS/2018, com o título Dez(ato)[5].

"O artista envolvido no clima da produção da obra, passa a acreditar que o mundo está voltado para sua necessidade naquele momento; assim, **o olhar do artista transforma tudo para seu interesse** [...]" (SALLES, 2004, p. 35, grifo nosso) e, foi reconhecendo e transformando, que o método adotado para o projeto se efetivou como uma *"carto-coreo-grafia".* A *carto*grafia, como aponta Souza (2016) "é, antes de tudo, uma atitude a ser praticada e experienciada no processo de pesquisar". Enquanto método de pesquisa, foi pensada por Giles Deleuze e Félix Guattari na década de 1960 para o estudo da produção de subjetividades, cujas noções são reconstituídas e reconstruídas, sendo concebidas como devires em movimento em meio à multiplicidade, compondo paisagens e territórios diversos. (ROLNIK, 1986; idem, 1989). Conforme aponta Souza (2016, p. 813):

> A cartografia se opõe à política cognitiva-cartesiana-positivista propondo outras linhas e outros modos de tecer compreensões acerca dos homens e do mundo, mapeando paisagens, mergulhando na geografia dos afetos, dos movimentos e das intensidades.

Cartografar é, então, estar aberto ao que nos é familiar, tanto quanto ao que nos é estranho, num aprendizado que se dá na tessitura dos encontros. Encontros

[4] Improvisação estruturada é uma forma de composição em dança onde a movimentação não segue uma rígida determinação prévia, onde os bailarinos intérpretes criadores escolhem os movimentos que estiverem relacionados com a sua experiência no "aqui e agora".
[5] Fotos e vídeo disponíveis em: <http://ritaguerrars.46graus.com/movimentomovement/dezato/>.

entre subjetividades que são, ao mesmo tempo, singulares e coletivas em suas formas e forças, onde, como nota Costa (2014, p. 67):

> [...] os saberes exclusivos de cada área são sempre insuficientes [...] Como o que se passa entre é o mais interessante, resta ao cartógrafo estar suficientemente poroso a estas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças.

O que nos remete ao que escapa, porque se ressignifica nas relações e torna possível "[...] encontrar um estilo original para expressar e falar do corpo, com enfoque no indivíduo. Isto só vai ser possível com a troca de fora para dentro e de dentro para fora. Descobrir pelo movimento corporal a si mesmo e ao outro sem dicotomia." (SANTOS, 2002, p. 32)

Coreo[6] e dança estão historicamente imbricadas no senso comum, onde utiliza-se o termo coreografia como sinônimo de obra de dança. Neste sentido, acolhi o que o comum tem de senso e trabalhei com pressupostos da dança-teatro como explicita Sousa (2007, p. 38 apud MÜLLER, 1993, p. 54): "O Tanztheater[7] baseia-se na sinceridade do que o coreógrafo quer dizer [...]. No palco não serão apresentadas histórias prontas, e sim imagens, pensamentos, sensações." Bausch acreditava que:

> É preciso encontrar uma linguagem com palavras, com imagens, movimentos, estados de ânimo, que faça pressentir algo que está sempre presente. Esse é um saber bastante preciso. Nossos sentimentos, todos eles, são muito precisos, mas é um processo muito, muito difícil torná-los visíveis. (BAUSCH, Pina. In: CYPRIANO, 2005, p. 27)

Inspirada na coreógrafa alemã Pina Bausch, a *grafia* no método adotado, trouxe a escrita para além do símbolo gráfico (letra), levando-a para o corpo, transformando-o e sendo transformada em signo[8].

Neste caso a *carto-coreo-grafia*, foi uma espécie de bricolagem que tornou possível estruturar os conceitos operacionais do projeto de pesquisa, como nota Sandra Rey (2008, p. 10):

> [...] durante o processo, os procedimentos instauram conceitos e, por sua vez, a pesquisa no campo conceitual pode alterar os procedimentos. E o

[6] Coreo: prefixo de coreografia, palavra de origem grega χορογραφία, onde χορο (coreo) significa dançar e γραφία (grafia) significa escrever.
[7] Tanztheater – do alemão: tanz (dança), theater (teatro).
[8] Signo como qualquer objeto, forma ou fenômeno que representa algo diferente de si mesmo.

> processo da obra passa a constituir-se, então, por essa alternância entre prática e teoria, por esse vaivém entre ações e conceitos.

Um processo, onde escrita e dança atuem como uma única expressão, manifesta em duas dimensões, articulando conceitos operacionais que agem como ferramenta adjacente, onde elaboram-se ou deslocam-se significados já conhecidos. Aportando um referencial teórico que:

> [...] busca respostas para o porquê de fazer isto ou aquilo, especula sobre as implicações daquilo que estou fazendo com o que já foi feito. Estabelece relações com a história da arte e com a produção contemporânea. Questiona em que sentido o que eu faço afirma, em que sentido rompe com a tradição e operacionaliza conceitos para investigar campos de conhecimento interdisciplinares [...] tendo o cuidado e a capacidade de entender estes conceitos em profundidade em seu contexto; e ao transpô-los para nossa prática, estabelecer sim, as aproximações, mas também os distanciamentos. (REY, 2012, p. 85)

Percebo, assim, que a resultante – e quem sabe o resultado? – do projeto de pesquisa *PONTO CEGO: dramaturgia em dança-teatro dos afetos significantes na poética do "entre"* seja, então, esta *carto-coreo-grafia* realizada estabelecendo um viés dramatúrgico, que dialoga com Sousa (2007, p. 95) quando entende que "[...] a dramaturgia seja o processo desenvolvido ao longo de toda a criação da coreografia. Dramaturgia não como comumente encontramos a sua definição no dicionário, referindo-se às regras, à doutrina, ou à teoria da arte dramática."

Para os positivistas de plantão, um pouco do que atravessa nossos processos: "Em um único gesto, a dúvida substitui a certeza. Nenhuma teoria, método, forma de análise de dados, discurso, gênero ou tradição goza de uma afirmação geral e universal, como um 'direito' ou privilégio de conhecimento autorizado." (DENZIN, 2016, p. 59 apud RICHARDSON, 2000, p. 928, tradução nossa) e que isto também nos sirva de argumento para que, parafraseando Velardi (2018, p. 53): "Façamos aquilo que, como pessoas criadoras de formas de pensar o mundo, nos permita resgatar a humanidade nas pesquisas sobre as vidas e seus fluxos. Senão resgatar, radicalmente, instaurar."

Referências

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV,* Santa Maria, v. 7, n. 2, 2014. p. 66-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1>. Acesso em: 14 set. 2018.

CYPRIANO, Fábio. *Pina Bausch*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

DENZIN, Norman K. Re-leyendo Performance, Praxis y Política. *Revista de Investigacion Cualitativa da International Association of Qualitative Inquiry,* Illinois, EUA, v. 1, n. 1, 2016. 22 p. Disponível em: <http://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/18/10>. Acesso em: 15 jun. 2018.

REY, Sandra. A dimensão crítica dos escritos de artistas na arte contemporânea. *Pós:* Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 1, 2008. 8 p. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/2/1>. Acesso em: 19 mar. 2018.

_____. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. *Porto Arte*: Revista de Artes Visuais PPGAV UFRGS, v. 7, n. 13, 2012. 15 p. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713/16324>. Acesso em: 19 set. 2018.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F. *Micropolítica. Cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 1986.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo.* 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística.* 3. ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança – arte – educação.* Salvador: EDUFBA, 2002.

SOUSA, S. P. *Rastros do Tanztheater no processo criativo de es-boço: espetáculo cênico com alunos do instituto de artes da Unicamp*. 2007. 214 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes, Campinas, 2007.

SOUZA, Severino Ramos Lima; FRANCISCO, Ana Lúcia. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... In: CONGRESSO IBERO- AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5, 2016, Porto, PT. *Anais...* Porto: CIAIQ, 2016. p. 811-820.

VELARDI, Marília. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. *Revista Moringa:* Artes do Espetáculo, João Pessoa, v. 9, n. 1, 2018. 12 p. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/40646/20300>. Acesso em: 14 set. 2018.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.